

Educadoras, crianças e pandemia: Relatos de vivências da zona rural e suas potências no processo de imaginação e o brincar de faz de conta

Lisaura Maria Beltrame*
Angelita Maria Machado**

INICIO ESCREVENDO, gritandoOOO em eco, em escritos que rasgam meu corpo.
Ouço as crianças em sonho, no silêncio da noite, aclamando socorro em suas vozes caladas, em seus corpos presos, em seus movimentos acorrentados, em suas expressões reprimidas, em seus rabiscos acelerados, em escrita mecânica de letras e números.
Ouço a morte e a vida a acalantar em meu colo. Rapidinho a passar na morte do ser criança e na vida do ser adulto.
Ouço a esperança sussurrando em meu ouvido. E a criança a cantar suavemente: - Passa, passará quem de trás ficará, a porta está aberta para quem quiser passar.
Ouço a utopia transformando e a criança gritando: - Quem quer brincar comigo coloca o dedo aqui!!! Que vai fechar!!!
E as crianças e adultos brincaram e aprenderam juntas...
E então acordei, e então sonhei e então lutei, gritei!!!
Lisaura Maria Beltrame

Como este escrito, introduzimos este artigo. Ele, por si só, diz, comunica. Com ele, procuramos deixar explícito nosso posicionamento político para o que estamos neste escrito, para quem e com quem lutamos, de que lado estamos, que tipo de sociedade e educação queremos e buscamos a transformação social. Em suas entrelinhas, já como forma de resistência e contínua, expressamos a marcha pelas infâncias e crianças. E assim, apostamos na ideia de que o brincar pode ser

* Doutora em Educação pela Universidade Federal de Santa Maria- (UFSM). Professora na Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS). Pesquisadora na área da Educação Infantil, Infâncias, ludicidade, brincades, brincar de faz de conta com estudos na perspectiva histórico-cultural (Vigotski e seguidores).

E-mail: lisaura@unochapeco.edu.br

** Professora pedagoga licenciada na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM/SM), pós-graduada em Gestão Educacional na mesma Universidade, mestranda em Educação na mesma Instituição.

E-mail: angelitamachado026@gmail.com

revolucionário, porque vai contra a lógica capitalista, vai contra a negação do direito de ser criança e do não brincar.

O Poema acima reflete o pedido de socorro das infâncias e crianças brasileiras, do qual precisamos estar atentos aos sinais de negligências, violências e, para observar isso, precisamos formar uma rede de apoio entre família, escola e sociedade em geral, sendo o diálogo entre essa rede de apoio essencial para proteger e garantir seus direitos como artigo 227 da Constituição Federal de 1988.

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

A criança precisa ser colocada como centro das políticas de serviços públicos, para, assim, ser protegida, as escolas e professores precisam de formação para saber de que forma auxiliar crianças em situações de violência e negligência.

Ser criança e viver a infância está em constante mudança, nos dias atuais, as tecnologias tomam conta, o brincar é sem movimento, sem tocar, sentir e explorar. Neste texto, iremos tratar sobre infâncias vivenciadas em um contexto do campo, no qual as autoras relatam experiências e memórias de momentos vivenciados e experimentados enquanto crianças na zona rural.

Quando se pensa na educação do campo, logo pensamos no contato com a natureza, espaço para correr, subir, descer de árvores, comer a fruta colhida direto no pé, na hora, sem agrotóxicos, pesquisar e manipular os alimentos plantados na horta da escola, cuidar de flores, mexer na terra. São lugares como esse que possibilitam as mais diversas formas de imaginação da criança, possibilitando o criar e recriar em um espaço no qual a criança tem liberdade de construir mundos e desfrutar deles em suas brincadeiras.

Porém, quando falamos de memória, realizamos um pequeno recorte, relembramos momentos bons e agradáveis, mas será que só aconteceram coisas boas na nossa infância? Talvez apenas não queremos lembrar e apagamos, aos poucos da nossa memória, acontecimentos que nos machucam, entristecem. Freire (2020, p. 11) diz “Os “olhos” com que “re vejo” já não são os “olhos” com que “vi”. Essas palavras

retratam reflexões realizadas no momento no qual se está escrevendo sobre momentos vividos na infância, lembrando memórias.

Duarte e Santos (2015, p. 661) enfatizam que “[...] o respeito pela cultura local e a superação do individualismo, são características que deveriam alicerçar não só a escola rural, mas toda a educação”, o compartilhamento da cultura local, de explorações são aspectos vivenciados diariamente nas escolas do campo.

Meu pai montava a cavalo, ia para o campo.
Minha mãe ficava sentada cosendo.
Meu irmão pequeno dormia.
Eu sozinho menino entre mangueiras
lia a história de Robinson Crusóé,
comprida história que não acaba mais.

E eu não sabia que minha história
era mais bonita que a de Robinson Crusóé.
(Poema Infância de Carlos Drummond de Andrade)

Segundo Simões (2018), a educação do campo¹ é processo de escolarização que respeita e considera, nos processos educativos, os saberes e fazeres dos territórios e territorialidades daqueles que têm, como espaço de vida, o espaço rural brasileiro. As primeiras escolas do campo surgiram a partir de muitas lutas, principalmente, do movimento dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), agricultores rurais, que denunciavam as escolas com uma lógica urbana-industrial-capitalista, não considerando a cultura camponesa dos agricultores.

O conceito de educação do campo foi se fortalecendo por compreender uma luta que está para além do acesso à escolarização, porque envolve outra perspectiva societária. E, nesse sentido, envolve pensar percursos formativos que tenham como premissa um conjunto de princípios e diretrizes que orientem o trabalho político-pedagógico de forma a contribuir para ampliação da capacidade de emancipação humana, que tenha o trabalho, a luta, o território e as territorialidades específicas do campesinato também como parte estruturante do ensinar e do aprender (SIMÕES, 2018, p. 336).

¹ Daliana Löffler (2013) faz uma discussão em sua dissertação de mestrado sobre educação do campo, alertando para o fato de também existir a expressão “educação no campo”. Para a autora, esses estudos são recentes e envolvem a educação no meio rural que abarca três concepções: a rural, do campo e no campo, cada uma com significados políticos e ideológicos diferentes, que atendem ou interesses das comunidades ou interesses dos grandes centros urbanos. Considera-se “no campo” o direito de as pessoas terem escola em seu lugar de origem e “do campo” ter o direito de uma educação que atenda às suas necessidades locais (CALDART, *apud* LÖFLER, 2013, p. 75).

Entendemos a educação do campo como uma forma de aprender e cultivar as raízes da cultura do território onde se vive e está inserido diariamente, fortalecendo enfrentamento às desigualdades sociais nos campos e cidades, a concentração de terra e os processos de destruição e mercantilização da natureza, apontando alternativas de produção, modos de vida e de relações diferenciadas com a natureza (SIMÕES, 2018).

É através desses processos vivenciados na escola que as crianças aprendem a valorizar a cultura local e a explorar as mais diversas formas de brincar no campo.

Vigotski (1998) afirma que o brincar é uma atividade humana criadora, na qual imaginação, fantasia e realidade interagem na produção de novas possibilidades de interpretação, de expressão e de ação pelas crianças, assim como de novas formas de construir relações sociais com outros sujeitos, crianças e adultos.

A linguagem libera a criança das impressões imediatas sobre o objeto, oferece-lhe a possibilidade de representar para si mesma alguns objetos que não tenha visto e pensar nele. Com a ajuda da linguagem, a criança obtém a possibilidade de se libertar do poder das impressões imediatas, extrapolando seus limites (VIGOTSKI, 1998, p. 122). A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque essa experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para imaginação dela (VIGOTSKI, 2018, p. 22).

Nessa visão, Vigotski (2018) ressalta que toda a obra da imaginação está estritamente ligada nos elementos da realidade presentes nas experiências das crianças. Podemos destacar a importância do contexto social, da realidade vivida e experiências das crianças no seu processo de imaginação, ou seja, quanto mais ricas e estimulantes forem as experiências vividas no processo educativo, maiores serão as probabilidades de produção da imaginação, criação das crianças, bem como um caminho ao processo da linguagem escrita.

Na teoria vigotskiana, os processos imaginativos, que, por abrangerem uma complexidade de possibilidades cognitivas sociais, interpessoais e intelectuais, simultaneamente transformam, pelo processo do brincar um complexo de informações que se derivam das mais diferentes áreas do conhecimento e da história da criança, em complexos mais amplos na relação social da criança no ato da brincadeira, transmudam em função superior de pensamento por criar essas novas

possibilidades à medida que o brincar e a imaginação estão dialeticamente entrelaçados nas perspectivas da realidade social, cultural e emocional da criança.

Os processos pelos quais as crianças articulam no momento do fazer-brincando estão relacionados a diversos significados e ações associadas aos objetos aos quais elas atribuem o ato de brincar e este mesmo objeto pode, simultaneamente, construir-se a partir do imaginário criativo dos sujeitos. Nas palavras de Leontiev (2010, p. 128) “[...] uma situação de brinquedo imaginário surge como resultado dos objetos e isto significa as operações como esses objetos, sendo parte das ações normalmente executadas em diferentes condições objetivas e em relação com outros objetos”.

Realmente, como afirma Leontiev, necessitamos de materiais diversos, incentivos e experiências ricas para o processo de imaginação, criação (fantasia). E, a partir dessa afirmação teórica, questionamo-nos como estão acontecendo esses processos de imaginação e brincar, nesse contexto com as crianças do campo, do interior, principalmente em tempos de pandemia. Assim, basta instigar que colocam o verbo imaginar em ação.

O brincar de faz de conta na perspectiva histórico-cultural: pinceladas teóricas

[...] Isto porque a gente havia que fabricar os nossos brinquedos: eram boizinhos de osso, bolas de meia, automóveis de lata. Também a gente fazia de conta que sapo é boi de cela e viajava de sapo. Outra era ouvir nas conchas as origens do mundo [...]
Manoel de Barros

Manoel de Barros conceitua em poucas palavras o que, de fato, é o brincar de faz de conta. Este é fonte de aprendizagem na vida da criança. A criança, quando protagoniza, entra no mundo da imaginação e abandona, por alguns instantes, o mundo real. Imaginando, assumindo papéis ‘**ela pode tudo**’ (grifos das autoras) retratando, através da imaginação, o mundo a sua volta.

Para a construção do brincar é necessário que a criança assuma um papel qualquer, que ela protagonize e que não seja ela. Sem isso, não existe brincar de faz de conta. Assim que aparece o papel, aparece o brincar de faz de conta e este não consiste apenas na interpretação do papel do adulto, mas também de outra criança.

Porto (1998) afirma-nos que: quando uma criança diz “vamos brincar?” ou, sem dizer nada, entrega um brinquedo a outra criança, está deflagrando a brincadeira e anunciando um determinado espaço, cujas atividades vão ter outro valor. O brincar atua como principal mediador entre a criança e o mundo.

Os teóricos dessa perspectiva consideram a brincadeira de faz de conta (Vigotski), jogo protagonizado (Elkonin), brincadeira (Leontiev) ou jogo dramático (Mukhina) como atividade guia na idade pré-escolar (quatro a sete anos). Através dessa atividade, as crianças são capazes de reconstruir as relações sociais humanas. Acredita-se que, nas diferentes relações do mundo à sua volta, a criança constrói-se como ser social, histórico e cultural. Homens e mulheres nascem na cultura de seus grupos sociais. Então, homens e mulheres são suas relações sociais.

É nessas interações sociais que entra o brincar de faz de conta como fonte de aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Elas querem participar da vida dos adultos e é através do brincar que isso se torna possível. É uma forma de as crianças interpretarem e assimilarem o mundo, os objetos, a cultura, as relações e os afetos das pessoas.

Embora esses autores utilizem nomenclaturas diferenciadas quando se referem ao brincar de faz de conta, conforme citado anteriormente, todos conceituam-na como ação de brincar. “A brincadeira é uma mutação do sentido, da realidade: as crianças tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece às regras criadas pela circunstância.” (BROUGÈRE, 1995, p. 99). Esse autor salienta que a brincadeira de faz de conta tem um resultado cultural. Não existe na criança de forma natural, mas pressupõe uma aprendizagem social. Aprende-se a brincar.

Ao brincar de papéis, a criança não somente dá sentido às suas ações físicas, como também redescobre o significado cultural da infância e do ser criança. Trata-se de uma atividade humana de construção social e conjunta de sentido que requer cumplicidade e cooperação – inclusive, para a existência da própria infância.

Para Vigotski (2008), o brincar de faz de conta é uma atividade derivada do processo de imaginação. Ao contrário do que se pensa, não é apenas uma atividade que dá prazer à criança e satisfaz seus desejos. O que a criança não pode realizar de forma real nas suas ações diárias, ela imagina e, assim, coloca em ação como sua realidade. Ainda para o autor, a relação entre imaginação e realidade consiste no fato de que toda obra da imaginação constrói-se sempre de elementos tomados da realidade e presentes na experiência anterior da pessoa.

Memórias e infâncias

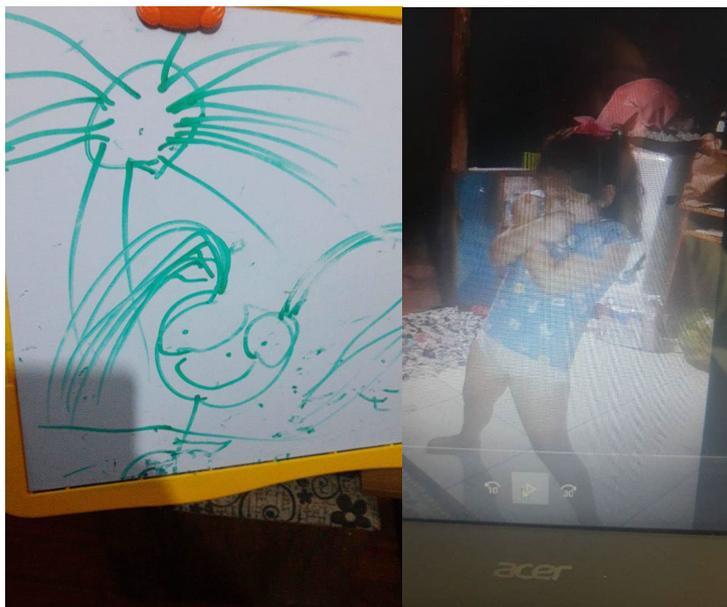
Se quem fui é enigma,
E quem serei visão
Quem sou ao menos sinto
Isto no coração.
Fernando Pessoa (1995)

Iniciamos nossos encontros e desencontros sobre a infância das autoras com a poesia do Fernando Pessoa que nos faz refletir sobre o que fomos e sobre o que seremos, uma infância do passado que pode mudar o presente e o futuro.

A primeira autora inicia seu contato no interior de Nova Itaberaba/SC no decorrer de sua vida, há, mais ou menos, uns 18 anos e encontra lá a paz, o respirar em equilíbrio com a natureza, no balançar das árvores, a sensatez e o significado da vida. E para quem vive, luta pela infância digna, justa e igualitária para todas, a luta pela criança como cidadã de direitos já sente o movimento além das árvores nativas que cultiva e respeita há anos, encontra o vigor, a alegria, o grito que ecoa em pedir para ser olhada, assistida, respeitada. Assim, começa sua história no interior a beira do Rio Chapecó, onde faz muitos e muitos piqueniques, explorando o belo local e explorando a escuta, a magia, o processo imaginativo e o brincar de um grupo de crianças que por lá vivem. Inclusive, cria o local chamado O Segredo, ponto de encontro com elas. Muitas já são adolescentes, mas relatam que passaram os melhores momentos de sua infância.

Numa tarde de Sol, em tempos de pandemia, aparece a menina Betina em visita à residência da pesquisadora com o “poder” da imaginação aflorado. Com uma capa nas costas, feita de roupas velhas pela mãe, sai correndo pela estrada de chão do interior e grita: “Sou a Mulher gafanhoto e vim para salvar todos deste bicho danado.”

Figura 1 – Desenho e encenação da mulher gafanhoto



Fonte: Acervo das pesquisadoras.

Vigotski (2018) menciona que os motivos que levam a criança a brincar são os mesmos da atividade criadora, sendo que a criança tem necessidades e anseios e, ao brincar de faz de conta, liberta-se das tensões relacionadas a tudo que não pode realizar como criança. Lembremos que estamos em época de pandemia e esse episódio ocorre quando muitas notícias sobre a nuvem de gafanhotos provenientes da Argentina ameaçam o oeste de Santa Catarina e Rio Grande do Sul¹.

A brincadeira possui regras, intenção e situação imaginária. É a atividade-guia das crianças de quatro a sete anos, em que, por meio dela, a criança desenvolve-se, aprende e conhece o mundo à sua volta, utilizando seu processo imaginário. As regras estão presentes, mesmo sem a criança dar-se conta.

Como também autora do artigo, a segunda, explico que fui moradora do interior de Paraíso do Sul, filha única de pais agricultores, sendo que tive uma infância marcada por brincadeiras em que estava em constante aproximação com a natureza, tomar banho em arroios e sangas, brincar com a terra que, por horas, poderia ser uma comida, um bolo, uma tinta e até mesmo um creme para o corpo. Porém, sem muito contato com outras crianças da mesma idade fora do círculo familiar, meu primeiro

¹ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/agronegocios/noticia/2020/06/23/nuvem-de-gafanhotos-chega-a-argentina-e-se-aproxima-do-brasil.ghtml>.

contato com a escola foi com seis para sete anos, para a qual ia caminhando e pelo caminho encontrava mais colegas.

Morar no campo possibilitou, além das mais diversas explorações, aprender a gostar da calma, prestar atenção nos detalhes de tudo o que a vida podia proporcionar-me, observar os animais e seus processos como o de uma larva que se transforma em borboleta, ter paciência e respeitar a natureza e seus ciclos.

Estar em contato com a natureza e as mais diversas possibilidades de brincadeiras também possibilitou estar sempre com marcas no corpo, arranhão, espinhos nos pés, marcas que nem sempre são boas, mas que fazem parte de uma infância, muitas vezes, sozinha, em que ir junto para a lavoura, às vezes, era necessário, pois que não tinham com quem deixar, todos trabalhavam. Acredito que todas essas vivências fizeram perceber o quanto estudar era necessário, não pelo lugar, mas pelo trabalho pesado que meus pais realizavam diariamente.

Sendo o conhecimento e a vontade de aprender a única possibilidade de fazer ter melhores condições de vida, ou seja, a sonhada mobilidade social defendida por Freire (2020, p. 14), não como um milagre, mas como uma possibilidade, a partir da educação que, para ele, “[...] a educação é uma certa antecipação: a prática educativa antecipa o ‘ser mais’ do Ser Humano (os termos dele são: o gosto vivo pela liberdade)”.

Da minha infância, gosto de recordar desses momentos bons de brincadeira, de ir para a escola. No entanto, as memórias que tenho do meu contexto familiar não são as melhores e não gosto muito de relembrar, por isso, questiono-me quando ouço histórias felizes do campo sendo apenas experiências positivas e pergunto-me será que só aconteceram coisas positivas? E as negativas?

Vivenciar esse contexto de estudar e estar no campo não significa ter uma infância bem aproveitada e vivida, tenho memórias afetivas enormes, tanto positivas quanto negativas, como de lembrar do cheiro do campo florido, o cheiro da professora que eu abraçava sempre na chegada à escola, sendo essas memórias parte do que sou e do que estou me constituindo enquanto pessoa e professora, são essas memórias, gostos que me fizeram escolher ser professora, são experiências como as que vivenciei na minha educação que me fazem acreditar que o professor não pode transformar o mundo, mas pode transformar-se e as pessoas transformarem o mundo como, afirma Paulo Freire.

Considerações reflexivas

Por fim, ou melhor, por fim do começo sempre, este singelo escrito não teve a pretensão de esgotar a temática sobre o processo imaginativo e o brincar na infância, mas se constitui numa reflexão sobre o pensar sobre isso, em especial, chegar à reflexão até as educadoras em relação à prática educativa com crianças da Educação Infantil. É também a possibilidade de refletir sobre a diversidade de experiências vivenciadas pelas crianças e como elas podem ser acolhidas e terem espaço para a significação nas práticas escolares. Algumas práticas educativas precisam ser ressignificadas, priorizando a criança como protagonista, o incentivo ao seu processo imaginativo e ao brincar de faz de conta. Esse brincar entendido como atividade social e cultural e, principalmente, como nos afirma Vigotski (2008), atividade guia das crianças de quatro a seis anos, tomando-o, dessa forma, o ponto de partida do trabalho, na educação infantil, como um pensar educativo e planejador.

Esta escrita também tem, como objetivo, a reflexão de quanto nós, enquanto professoras, lembramos de aspectos da nossa educação e o quanto essas memórias são importantes e significativas. Precisamos pensar mais nas crianças e nas memórias afetivas que estamos deixando para elas, nós, enquanto professoras, talvez não vamos lembrar de todos os sorrisos, mas as crianças, com certeza, irão lembrar de suas experiências vividas nos contextos escolares, para o bem e para o mal. Por isso, terminamos com um convite para que pensemos nas crianças e o quanto aprendem quando brincam, pensemos em deixar marcas positivas em suas vidas e busquemos entender que brincar e explorar são fundamentais na educação infantil.

Referências

ANDRADE, C. de. **Infância**. Disponível em: <https://armazemdetexto.blogspot.com/2018/10/poema-infancia-carlos-drummond-de.html>. Acesso em: 07 abr. 2022.

BARROS, M. de. **Memórias Inventadas**. As infâncias de Manoel de Barros. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil – 1988. **Diário Oficial da União**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 5 out. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 10 ago. 2020.

BROUGÈRE, G. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Cortez, 1995.

Memórias, arte e (re)existências: infâncias em tempos de pandemia de Covid-19 e em outros tempos
Educadoras, crianças e a pandemia: Relatos de vivências da zona rural e suas potências no processo de imaginação e o brincar de faz de conta

DUARTE, C. G.; SANTOS S. V. dos. Apresentação Educação do Campo. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 659-666, jul./set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623656800>. Acesso em: 30 out. 2021.

ELKONIN, D. **Psicologia do jogo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

FREIRE, P. **Cartas a Cristina** [recurso eletrônico]: reflexões sobre minha vida e minha práxis/ Paulo Freire; organização Ana Maria Araújo Freire. 1 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2020.

LEONTIEV, A. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem desenvolvimento e aprendizagem**. 11. ed. Tradução Maria da Pena Villalobo. São Paulo: Ícone, 2010. p. 119-142.

LÖFLER, D. **Educação Infantil na escola do campo**: o que as crianças nos sinalizam sobre este contexto. Dissertação de Mestrado. Santa Maria, UFSM, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/handle/1/7084>. Acesso em: 11 fev. 2022.

MUKHINA, V. **Psicologia da idade pré-escolar**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SIMÕES, W. A educação do campo e desafios na atual conjuntura política brasileira. In: TEDESCO, J. C.; SEMINOTTI, J. J.; ROCHA, H. J.; (Eds.). **Movimentos e lutas sociais pela terra no sul do Brasil**: questões contemporâneas [online]. Chapecó: Editora UFFS, 2018. p. 330-357. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/qrdv5/pdf/tedesco-9788564905764-11.pdf>. Acesso em: 05 nov. 2021.

PESSOA, F. **Quando as crianças brincam**. Disponível em: <https://www.escritas.org/pt/t/678/quando-as-criancas-brincam>. Acesso em: 07 abr. 2022.

PORTO, C. L. Brinquedo e brincadeira na brinquedoteca. In: KRAMER, S.; LEITE, M. I. (Orgs.). **Infância e produção cultural**. São Paulo: Papirus, 1998. (Série Prática pedagógica).

VIGOTSKI, L. **O desenvolvimento psicológico na infância**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

VIGOTSKI, L. A brincadeira e seu papel no desenvolvimento psíquico da criança. **Revista GIS**, Rio de Janeiro, n. 11, p. 23-36, jun. 2008. Disponível em: <https://atividart.files.wordpress.com/2016/05/a-brincadeira-e-seu-papel-no-desenvolvimento-psiquico-da-crianc3a7a.pdf>. Acesso em: 10 jul. 2021.

VIGOTSKI, L. S. **Imaginação e criação na infância**. Tradução Zoia Prestes e Elizabeth Tunes. São Paulo: Expressão popular, 2018.